

<b>Relato de Prática</b>	Projeto Vencendo Fronteiras
<b>Autor</b>	Michelle Fonseca Nasr
<b>Escola</b>	CEEJA de Cachoeiro de Itapemirim
<b>Superintendência Regional de Educação</b>	Cachoeiro de Itapemirim
<b>Período de realização</b>	2022

## RESUMO

O Projeto “Vencendo Fronteiras” tem como objetivo principal ampliar a divulgação do modelo de instrução personalizada da unidade escolar, garantindo o acesso à educação a moradores de comunidades isoladas, internos em centros de reabilitação e reeducação, jovens e adultos da própria cidade e de municípios vizinhos e outros públicos que almejem a conclusão da educação básica. Trata-se de uma estratégia itinerante, por meio da qual a equipe responsável vai até o aluno, apresenta a proposta metodológica da escola e, assim, favorece o retorno do cidadão aos estudos. Destaca-se, nesse projeto, seu caráter inovador, visto que ultrapassa as fronteiras e os muros da escola e se torna ainda mais acessível à população. Em cada encontro formativo, são fornecidas as informações necessárias para que o aluno inicie ou reinicie seu processo de aprendizagem, além da possibilidade da aplicação do modelo no local em que o estudante está inserido, como é o caso da Associação de Proteção aos Condenados (APAC) ou das comunidades quilombolas. Desde sua efetiva aplicação, em fevereiro, até o momento, houve a ampliação do índice de matrículas, associada à variedade de estratégias de divulgação da escola. Ampliou-se, também, o número de atendimentos realizados pelos professores na unidade escolar e nas comunidades parceiras. A proposta de replicação do “Vencendo Fronteiras” encontra pontos de contato com unidades que também ofertam essa modalidade de ensino, fazendo com que o acesso à cidadania e a redução da evasão escolar aconteçam. É exatamente o movimento de ir até

o aluno que proporciona à escola o cumprimento ainda mais evidente de sua função social. Outras unidades escolares podem se apropriar de estratégias aplicadas pelo projeto, adaptando à sua realidade, necessidade e, sobretudo, viabilidade.

Palavras-chave: Formação educacional. Protagonismo. Escola itinerante.

## RELATO DE PRÁTICA

### I. CONTEXTUALIZAÇÃO

Sempre acreditei que a educação tem um poder de mobilização e transformação social. Quando assumi a gestão da escola, deparei-me com uma realidade intrigante: embora sua existência fosse sólida na cidade, ainda havia um conhecimento limitado – e até equivocado – acerca de sua metodologia. Isso afastava muitos estudantes da unidade escolar.

Aliado a isso, verifiquei que a escola ficava restrita ao seu espaço físico, alcançando um grupo relativamente pequeno de alunos porque o método não era tão bem difundido e não havia uma proposta de torná-la uma unidade itinerante. Se o estudante reside em comunidades distantes e a informação não chega até ele, como sentirá o desejo de retomar e concluir seus estudos? Havia uma lacuna no objetivo da escola que precisava ser resolvida: garantir o acesso à informação e à formação do cidadão por meio da estratégia itinerante, com o exercício da atividade em campo.

Considerando-se a situação-problema, o Projeto Vencendo Fronteiras tem como proposta a ampliação das estratégias de divulgação do modelo de ensino da escola, tornando-o acessível à população do município de Cachoeiro de Itapemirim e de municípios vizinhos. Ainda com o intuito de assegurar o direito à educação, as comunidades quilombolas de Pedra Branca e Monte Alegre, os internos da APAC (Associação de Proteção e Assistência aos Condenados) e de centros de reabilitação são atendidos pelo projeto.

### I. OBJETIVO GERAL

O Projeto Vencendo Fronteiras tem como objetivo geral divulgar, de forma itinerante, o modelo da escola para as comunidades e organizações que não teriam acesso à informação, garantindo formação educacional, de forma protagonista e personalizada, àqueles que não concluíram seus estudos no tempo regular.

## II. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

A realização do Projeto Vencendo Fronteiras tem como objetivos específicos:

- Garantir a conclusão da educação básica aos cidadãos em geral e, em particular, aos membros das comunidades quilombolas, às comunidades isoladas, às pessoas em situação de privação de liberdade ou aos internos em centros de reabilitação, por meio de uma atividade itinerante, reduzindo as desigualdades.
- Ampliar o número de alunos atendidos pela unidade escolar, atendendo ao objetivo estratégico da Secretaria Estadual de Educação de mitigar o abandono e a evasão escolar.
- Favorecer o acesso à formação e ao conhecimento, que também é um dos objetivos estratégicos da SEDU (garantia da aprendizagem), promovendo a cidadania, por meio da estratégia itinerante.

## I. COMO TUDO COMEÇOU?

A unidade escolar da qual sou gestora atende a um público composto por jovens e adultos advindos, em sua maioria, da classe média-baixa. Em função de seu formato, observa-se também grande variação quanto ao nível sociocultural. O prédio conta com dois pavimentos: no primeiro piso, funcionam secretaria, uma sala de aula, sala de Pedagogos, sala da Direção, sala de professores, sala de acolhimento aos estudantes, cozinha e banheiro; no primeiro andar, concentram-se as salas de atendimento aos estudantes (quatro salas) e um almoxarifado.

Assumi a direção da escola em 23 de outubro de 2020, quando havia uma média de 460 matrículas novas efetivadas naquele ano. Ressalto, nesse momento, que vivenciávamos a primeira onda da COVID-19, fator determinante para o afastamento de diversos estudantes da escola. Em 2021, ainda convivendo com os efeitos da pandemia, houve um aumento do número de matriculados, porém, ainda bem distante daquilo que eu havia idealizado. Era preciso realizar uma ação que impactasse toda a comunidade escolar.

O ano de 2022 chegou e, com ele, o desafio: levar o modelo da escola para além de seus muros! Foi realizado, então, o levantamento do quantitativo de alunos matriculados, do número de profissionais para atendimento e, também, como acontecia a divulgação do modelo da unidade escolar. Reuni-me com a equipe de gestão e, juntos, definimos nossas metas. Estava começando o Projeto Vencendo Fronteiras.

## II. E O PROJETO VENCENDO FRONTEIRAS GANHOU FORMA...

Escola itinerante. Essa passou a ser uma expressão comum à equipe a partir do momento em que se planejaram as ações do projeto. A ideia de ir até o aluno seria o grande desafio e, sobretudo, a prática inovadora da unidade escolar. Para que isso acontecesse de forma ordenada e que fosse exequível, dividi as ações em etapas.

A princípio, após reunião com os representantes das comunidades quilombolas de Pedra Branca e Monte Alegre, uma equipe visitou esses locais para reconhecer a realidade e planejar as ações específicas para esse público. A primeira ação necessária foi a aplicação de um Teste de Sondagem para os jovens e adultos maiores de 15 anos e que não haviam concluído o Primeiro Segmento do Ensino Fundamental. Um fato ficou evidente para mim, nesse contexto: seria fundamental elaborar uma prova de Língua Portuguesa e de Matemática que contemplasse o resgate e a valorização cultural dessas comunidades. Não faria sentido aplicar um teste desvinculado da vivência dos moradores – e isso não significa “mais fácil” e, sim, coerente e acolhedor.

Nesse processo de elaboração do Teste de Sondagem, professores da Base Nacional Comum e do Ensino Fundamental / Médio, de forma integrada, selecionaram textos e

contextos que remetessem à realidade dos moradores para a estruturação das questões. Durante a aplicação das provas foi muito gratificante perceber nos estudantes a identificação do ambiente em que residem e das situações retratadas. “Essa prova está falando de nós!”, comentou uma aluna. Impossível não me lembrar das palavras de Paulo Freire em Educação como prática da liberdade (1969): “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem.”. A nós foi preciso coragem para romper as fronteiras; aos alunos, para acreditar que seria possível recomeçar.

Com o resultado do Teste de Sondagem, houve a efetivação de matrículas no Segundo Segmento e a vinda dos alunos para a unidade escolar. Mesmo com a distância, uma vez por semana, moradores da comunidade quilombola vêm receber o atendimento dos professores e realizar as avaliações. Isso se deve ao caráter itinerante que a escola assumiu após a execução do projeto – foi necessário, primeiro, ir até o aluno para que, estimulado e acolhido, sentisse novamente o prazer de estudar.

Projeto em ação, é hora de ampliar as fronteiras. Nosso segundo passo foi o estabelecimento de parcerias com prefeituras de cidades vizinhas. Após o contato com a Secretaria Municipal de Educação de Venda Nova do Imigrante, outra equipe da escola ficou encarregada de realizar um encontro formativo para explicar o funcionamento da unidade escolar e seu modelo de ensino. Nesse momento, além de orientar os alunos em potencial acerca dos estudos, uma pré-matrícula era realizada visando favorecer o retorno dos estudantes ao ambiente escolar. Outra parceria estabelecida foi com o município de Marataízes, com destaque para a Academia Marataizense de Letras. Em Piúma, o Projeto ALFA Comunidade Terapêutica, que funciona como centro de reabilitação, também foi visitado pela equipe do projeto. O formato para divulgação do modelo seguiu a estratégia utilizada em Venda Nova. Reitero aqui o compromisso da escola com um dos objetivos estratégicos da SEDU: mitigar o abandono e a evasão escolar.

Todas essas ações impactaram diretamente o número de matrículas da escola, fazendo com que os alunos não abandonassem a rede estadual de ensino, apenas mudassem de modelo. Quantas histórias de vida foram reveladas nesses atendimentos! Por trás de cada matrícula, há uma narrativa, seja de negligência familiar que levou à evasão, sejam as condições

financeiras... E quantas histórias de superação também. Mães e pais que fizeram o possível para garantir a escolarização aos filhos e, agora, retornaram para concluir os seus estudos.

Foi exatamente pensando nesses sonhos adormecidos ou interrompidos que estabeleci mais um propósito na ampliação das fronteiras da unidade escolar: conheci a Associação de Proteção aos Condenados – APAC – e nela reconheci uma possibilidade de aplicação do projeto Vencendo Fronteiras. A APAC é uma entidade jurídica sem fins lucrativos, com o objetivo de auxiliar a Justiça na execução da pena, recuperando o preso, protegendo a sociedade, socorrendo as vítimas e promovendo a Justiça restaurativa. Analisando a estrutura da instituição e seu objetivo, propus uma parceria educacional, por meio da qual a escola iria à entidade ofertar Ensino Fundamental / Segundo Segmento e Ensino Médio, além da aplicação do Teste de Sondagem para avaliar os recuperandos em relação ao conhecimento que têm em Língua Portuguesa e Matemática, correspondente ao Primeiro Segmento (Ensino Fundamental I).

Após conhecer a metodologia aplicada na APAC e estabelecer a parceria, deparei-me com o primeiro desafio: viabilizar o atendimento aos alunos e a aplicação das provas na instituição. Seria necessário, para isso, contratar uma equipe docente para atuar in loco, de acordo com os horários estabelecidos pela entidade. Reuni a equipe que acompanha diretamente o Projeto Vencendo Fronteiras e, juntos, planejamos as ações e definimos um cronograma com a carga horária e as disciplinas as quais seriam ofertadas em 2022. Nosso próximo passo foi encaminhar para a Superintendência Regional esse plano de ação e solicitar a contratação ou a extensão do contrato dos profissionais. Vencida essa etapa técnica, o projeto passou a integrar as ações da APAC. Mais uma fronteira vencida, mais alunos tendo o direito à educação garantido!

Destaco que a equipe docente responsável pelo trabalho na APAC atua em parceria com os docentes e equipe pedagógica da unidade escolar. Não se trata de uma escola “paralela”: somos a mesma escola, em lugares diferentes. Há as particularidades e, em função disso, acontecem algumas adaptações, sem que se abra mão da instrução personalizada recebida pelo aluno.

Existem outras fronteiras que a escola pode ultrapassar? Sempre! Por isso, seguimos com a divulgação do modelo e a oferta de matrículas para novas possibilidades de parcerias, visto que ficou evidente para mim, diante do saldo positivo das ações supracitadas, que o projeto já estava colhendo bons frutos, mesmo em tão pouco tempo de execução. Não se pode esquecer de que, em um projeto como esse, há resultados que se consolidam apenas a longo prazo pois dependem, principalmente, daqueles que serão alcançados pela metodologia e poderão dar sequência aos estudos e à formação. Assim, a equipe responsável pelo projeto – falo em equipe porque, embora toda a comunidade escolar esteja envolvida, há profissionais que atuam diretamente nos encontros formativos – empenhou-se, durante os meses de maio a agosto, para iniciar novas parcerias.

Nesse período, uma nova comunidade quilombola – Graúna, pertencente ao município de Maratáizes – foi visitada e conheceu a metodologia da unidade escolar. Além dela, houve a apresentação do formato itinerante da escola ao Rotary “Princesa do Sul”, ao Hospital Evangélico, à Faculdade de Cachoeiro de Itapemirim (FACI) e ao Centro de Referência da Juventude (CRJ). Ver o projeto em tantos espaços diferentes tornava cada vez mais real o desejo de promover a divulgação da instrução personalizada que a unidade escolar oferta.

Em junho, quando avalei com a equipe o Projeto Vencendo Fronteiras, constatamos que havíamos chegado bem longe. No entanto, sempre é possível ir além. Em atendimento a um professor, fui surpreendida com a proposta: “Penso que, agora, é hora de firmar parcerias com as Associações de Moradores da cidade. Seria viável?”. Como afirmei no início do relato, embora a escola tenha uma existência sólida, ainda há pessoas que desconhecem sua metodologia e proposta pedagógica.

Para começar o trabalho com as associações, realizamos o contato com o presidente da Federação das Associações dos Movimentos Populares de Cachoeiro de Itapemirim – FAMOPOCI – e agendamos a primeira reunião para apresentação dos objetivos do projeto. A partir desse encontro, nascia mais uma parceria! Quinze dias depois, os líderes das associações de moradores da região geoescolar foram convidados para um encontro formativo, no qual objetivos, metodologia e ações do projeto foram compartilhados. A nossa

ideia seria, após a divulgação do Vencendo Fronteiras para esses líderes, ir até as comunidades e conversar com a população.

Em agosto, o primeiro bairro foi contemplado com o encontro formativo, que contou com a presença de dois professores e uma Agente de Suporte Educacional, responsáveis por apresentar a escola, sua estratégia itinerante e seu modelo de instrução personalizada. Foi um momento de trocas de experiências e vivências, porque ex-alunos da unidade escolar foram sensibilizados para retomarem seus estudos, além de outros membros da comunidade que viram no projeto uma possibilidade viável para alcançar a certificação da educação básica. Para o mês de setembro, estão agendados encontros formativos com as associações de moradores de dois outros bairros com os quais já se estabeleceu a parceria.

É preciso agir com planejamento e cautela para que, efetivamente, todos aqueles que nos propusermos assistir por meio do projeto tenham a atenção merecida e o cuidado para que não desistam no meio da caminhada. Para nós, não é mais um número; é um sonho que se realiza. A matrícula é a formalização do vínculo e a retomada dos estudos é a certeza de que o Vencendo Fronteiras cumpriu seu papel social de levar a formação acadêmica até o aluno. Ultrapassar os muros da escola não é tão simples, pois requer a adequação de modelos e formatos. Seja nas comunidades quilombolas, nos bairros, nos centros de recuperação e de reabilitação ou em qualquer outra organização, assegurar o acesso à cidadania por meio da educação sempre será nosso maior propósito.

## I. RESULTADOS E PERSPECTIVAS

Como já afirmei em algumas partes do relato, esse é um projeto que terá resultados a curto, médio e longo prazo. Nossas ações estão vinculadas e atreladas ao querer e à disponibilidade de cada cidadão que se matricula na unidade escolar.

Se compararmos, por meio do Gráfico 1 apresentado nos anexos, os dados relacionados às matrículas, verificaremos um número significativo de estudantes advindos do Projeto Vencendo Fronteiras. Isso implica diretamente o aumento do número de atendimentos da unidade escolar, como também se pode comprovar pela análise do Gráfico 2. Uma



observação que preciso fazer: considerando os atendimentos realizados entre fevereiro e agosto de 2018 e 2019, anos em que o mundo não vivia a pandemia, e os realizados no mesmo período de 2022, constata-se uma ampliação do número de atendimentos após a implementação do projeto.

Além desses aspectos, um dos objetivos do projeto era ampliar a estratégia de divulgação da unidade escolar; hoje, as pessoas conhecem a escola pelas principais redes sociais, pelo folder institucional, pelas parcerias estabelecidas, pelos materiais personalizados que os alunos recebem, pelas publicações no site da Secretaria Estadual de Educação e nos jornais da cidade. Somos vistos, notados e reconhecidos! Verifica-se, portanto, que o objetivo de ampliar a divulgação do modelo da escola foi plenamente atendido, conforme se observa no organograma e na imagem (“Estratégias para ampliar a divulgação do modelo da unidade escolar”), presentes nos anexos.

Um resultado a longo prazo que gostaria de evidenciar está relacionado ao impacto do projeto nas associações de moradores da cidade. Como há encontros formativos previstos para os próximos meses, certamente, novos alunos serão captados. A comunidade quilombola de Graúna, por exemplo, efetivará a pré-matrícula a partir da segunda quinzena de setembro. São dados não computados, obviamente, devido ao período estabelecido pelo prêmio, mas de grande relevância para o Vencendo Fronteiras.

Acima de tudo, os alunos desenvolveram o sentimento de pertencer à escola. A icônica mestra de caxambu da comunidade quilombola de Monte Alegre, dona Maria Laurinda Adão, aos 79 anos, fez o Teste de Sondagem referente ao Primeiro Segmento, foi aprovada e, toda semana, desloca-se para a escola a fim de dar continuidade aos estudos, agora no Segundo Segmento. Ah, é preciso ressaltar que ela é representante dos alunos no Conselho de Escola! É comum ouvir de Maria Laurinda a frase “Nunca imaginei que, nessa altura da vida, eu fosse voltar a estudar. Essa escola fez isso por mim.”.

O resultado numérico é, com certeza, um indicador de que o projeto é sólido e, sobretudo, necessário. Para além disso, destaco a função social que a escola ampliou a partir da estratégia de romper seus muros e suas fronteiras. O aluno vir à unidade escolar é o

movimento típico; ir até ele, resgatar sua autoestima e reacender o sonho da conclusão dos estudos é o caráter inovador dessa ação.

Acredito na replicação do projeto, com as devidas adequações inerentes a cada contexto. A evasão escolar é, muitas vezes, uma realidade reforçada pelas condições econômicas da população. Por isso, precisamos nos mobilizar para que, mesmo em outra modalidade, o aluno permaneça na rede estadual de ensino.

O Projeto Vencendo Fronteiras não se encerra com a inscrição no Prêmio Boas Práticas. Há muito a ser feito ainda e planejamos levar suas ações para os demais bairros, municípios vizinhos e outras associações que se disponibilizarem a estabelecer parcerias conosco. Na APAC, por exemplo, os atendimentos e aplicações de provas irão até dezembro e serão retomados em 2023. É, certamente, uma ação que veio para ficar. Estamos em constante avaliação para que seus pilares – promover o acesso à educação e divulgar o modelo da escola – não se percam. Investimos na formação do professor por meio do incentivo à realização da formação “Raízes”, que trata de um público que é atendido pelo projeto.

Comecei este relato afirmando que sempre acreditei no poder de mobilização e de transformação social por meio da educação. Sem qualquer demagogia ou utopia, quando analiso as conquistas do Vencendo Fronteiras, certifico-me de que contribuo para que isso aconteça. Mais uma vez recorro a Paulo Freire para expressar meu pensamento sobre o papel social da escola: “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

ANDRADE, Patrícia Gomes Rufino. **A educação no quilombo e os saberes do quilombo na escola**. 1 ed. Paraná: Appris Editora, 2018.

## ANEXOS

### ANEXO A: FOTOGRAFIAS



Aplicação de Teste de Sondagem na Comunidade Quilombola de Monte Alegre.



Encontro formativo em Venda Nova do Imigrante.



Reunião na sede da APAC.



Aluna da Comunidade Quilombola em atendimento na unidade escolar.



**Encontro formativo com lideranças comunitárias.**



**Encontro formativo na Comunidade de Graúna.**

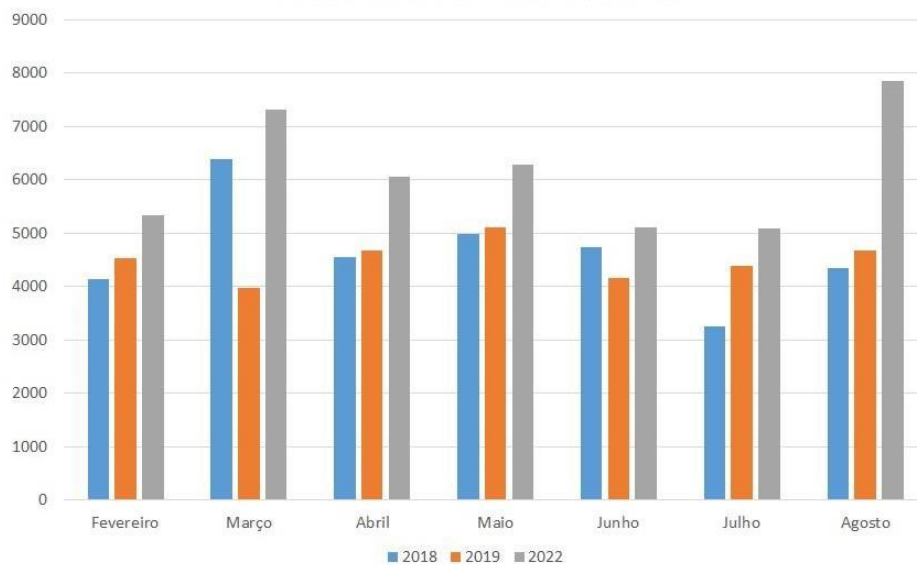
## ANEXO B: GRÁFICOS

Matrículas 2022

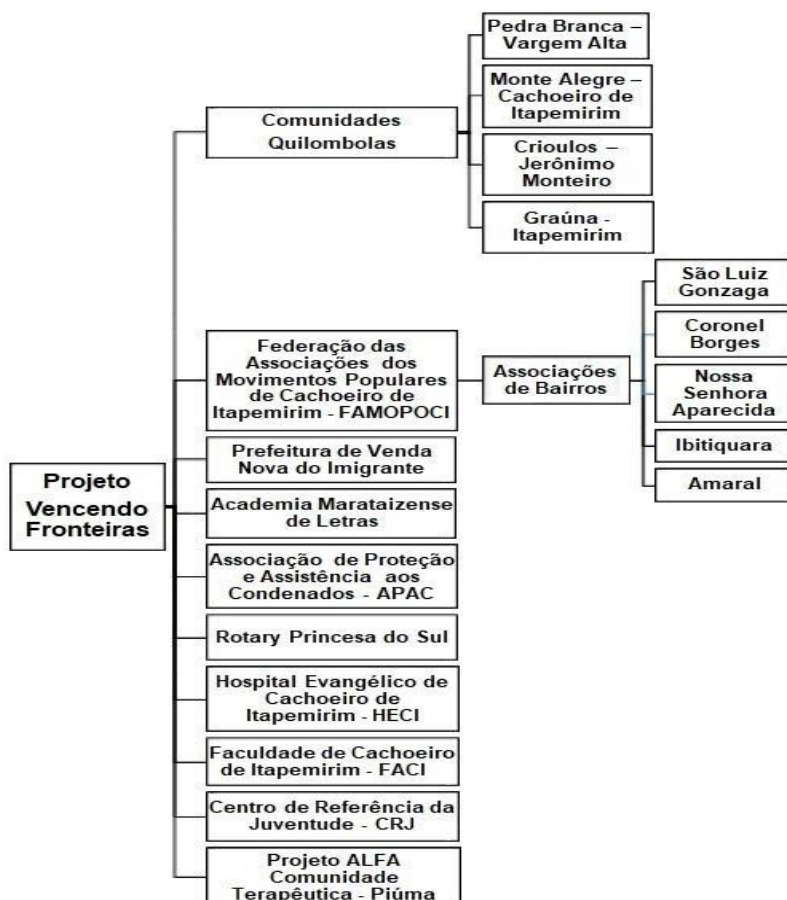


**Gráfico 1: Matrículas da unidade escolar em 2022 – público geral (“Regular”) e alunos advindos do projeto (“Parcerias”).**

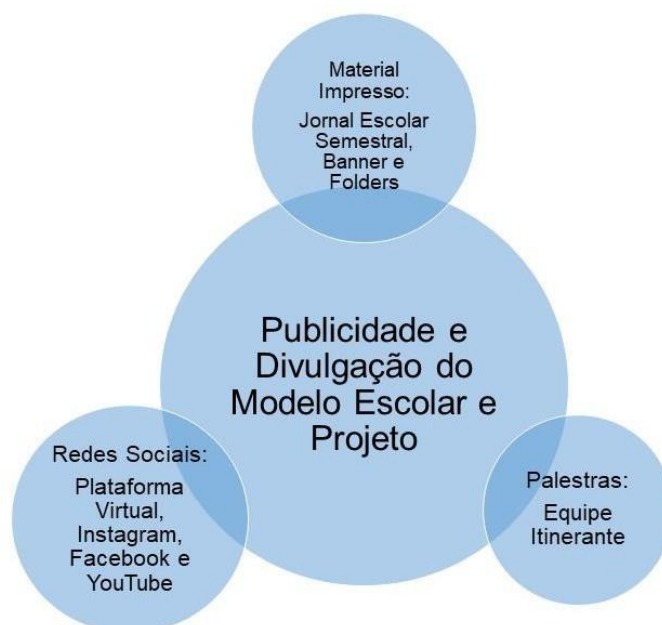
Número de Atendimentos aos Alunos



**Gráfico 2: Comparativo de atendimentos da unidade escolar.**



Organograma: Parcerias do Projeto Vencendo Fronteiras.



Estratégias para ampliar a divulgação do modelo da unidade escolar.